

TRIGO

Março de 2020

INTRODUÇÃO - PROGNÓSTICO PARANAENSE	1
SITUAÇÃO MUNDIAL	2
PRODUÇÃO	2
CONSUMO E ESTOQUES.....	2
PREÇOS	3
SITUAÇÃO CONESUL	3
PRODUÇÃO	3
CONSUMO E ESTOQUES.....	4
SITUAÇÃO NACIONAL	5
PRODUÇÃO	5
CONSUMO E ESTOQUES.....	5
EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES.....	6
SITUAÇÃO ESTADUAL	7
PRODUÇÃO E CONSUMO	7
IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES.....	7
PREÇOS E CUSTOS.....	8

RESUMO - PROGNÓSTICO PARANAENSE

Em 2019 o Paraná produziu 2,1 milhões de toneladas de trigo, pior resultado desde 2013 (quando colheu 1,8 milhão de toneladas). Esta foi a terceira safra consecutiva de quebras relevantes que fizeram a produção ficar abaixo da moagem estadual, estimada em mais de 3 milhões de toneladas pela Associação Brasileira das Indústrias de Trigo (Abitrigo). O déficit de trigo, porém, pôde ser suprido pela oferta argentina e paraguaia, que tiveram grandes excedentes de produção.

Essas quebras, junto às altas recentes do dólar, estão começando a impactar na disponibilidade de trigo no Brasil e, conseqüentemente, no Paraná, podendo gerar uma oportunidade aos produtores locais. Apesar disso, há incertezas que podem interferir significativamente nos preços ao longo da safra.

Entre essas incertezas estão as possíveis novas parcerias comerciais. Em 2019 chegaram ao Brasil 90 mil toneladas de trigo russo, maior volume da história. Além dessas importações, o Governo começou a construir relações com a Índia. Ambos os países são grandes produtores e podem começar a ter mais peso na formação de preços nacional.

Ainda que estes mercados mais distantes possam começar a ter relevância, é na Argentina que

a formação de preços é mais importante. Em que pesem as preocupações com novas alíquotas de impostos, a área argentina não deve ter grandes variações para 2020. Isto pode manter a oferta acima da demanda no Mercosul, pressionando os preços.

Nos patamares atuais, os preços de trigo estão gerando uma rentabilidade maior que a verificada no ano anterior. Os custos tiveram uma estabilidade com o recuo dos preços do petróleo, e só não se retraíram em função da ampla depreciação do Real. Esta depreciação, por sua vez, colaborou com a alta do preço do trigo.

Apesar do cenário mais favorável ao plantio neste ano, o cenário econômico para o milho está ainda mais favorável, o que só não deve se traduzir em uma substituição ainda maior de trigo pelo milho por questões técnicas, já que a colheita da soja atrasou e inviabilizou o plantio de milho em muitas áreas.

Finalizando, espera-se um leve aumento da área plantada de trigo no estado, porém dentro do padrão dos últimos anos, mantendo-se próxima de 1,1 milhão de hectares.

SITUAÇÃO MUNDIAL

Produção

A produção mundial atingiu 763 milhões de toneladas em 2019¹, estabelecendo novo recorde produtivo. Este volume foi obtido em uma área de 217 milhões de hectares, superior à de 2018 mas bastante inferior ao recorde estabelecido em 1981, de 239 milhões de hectares.

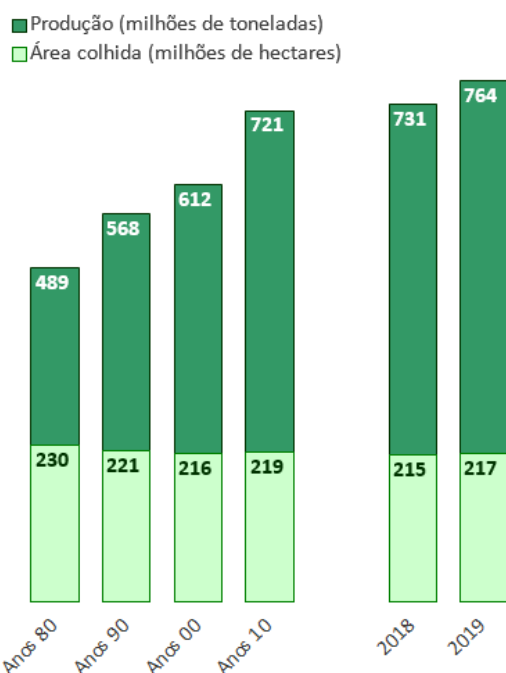


Figura 1- Mundo: Área e Produção de trigo (Fonte: USDA)

Na safra passada (2018) tivemos uma produção de 731 milhões de toneladas, que havia quebrado uma sequência de 5 recordes consecutivos de 2013 a 2017.

A diferença entre a produção de 2019 e 2018 é explicada especialmente pela recuperação de produtividade na União Europeia (mais 17 milhões de toneladas), na Ucrânia (mais 4 milhões) e na região do Oriente Médio (mais 7 milhões). Como destaque negativo, temos a redução de 3 milhões de toneladas em Marrocos devido à falta de chuvas.

Para 2020, a produção começa com expectativas boas: a Índia ampliou consideravelmente sua área plantada e tem condições favoráveis até o momento. Este aumento no Sudoeste asiático deve mais do que compensar as retrações de área

observadas nos plantios dos EUA e da UE. A Rússia também deve incrementar a área, bem como a Ucrânia, favorecendo um possível aumento substancial da produção de trigo.

Apesar dos elementos favoráveis, a projeção de produção deve ser analisada com cautela devido aos muitos fatores climáticos aos quais as safras estarão expostas nos próximos meses.

Consumo e Estoques

Em 2018 tivemos uma retração no estoque, que vinha crescendo desde 2012. Apesar disso, em 2019 os estoques voltaram ao nível recorde em termos de volume (288 milhões de toneladas) e atingiram a segunda maior relação estoque/consumo medida pelo USDA, só perdendo para registrada em 1968, com 38% atualmente contra 40% àquela época.

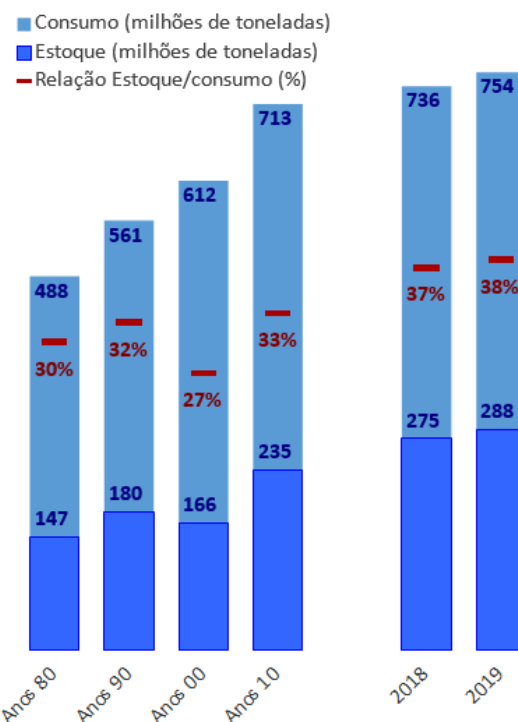


Figura 2 – Trigo no mundo: Consumo, estoques e sua relação. (Fonte USDA)

Há de se ressaltar no lado da demanda duas enfermidades que tem chamado a atenção dos analistas e podem influenciar o comércio de trigo: a peste suína africana (PSA) e o novo coronavírus. A PSA, tendo afetado a suinocultura chinesa, pode

¹ Os dados citados como 2019 são sempre referentes ao ano comercial 2019-2020.

redefinir as origens e destinos da demanda de grãos para alimentação animal, enquanto a segunda pode desaquecer a economia global e dificultar o comércio internacional. Se a primeira pode favorecer alguns agentes em detrimento de outros, a segunda tem um potencial apenas deletério.

Preços

Depois de uma breve recuperação no primeiro semestre de 2018, os preços voltaram a cair. O ocorrido se deve a uma rápida recomposição dos estoques, que era prevista e acabou confirmada devido a menor demanda. Apesar de mais longe das mínimas, os preços estão em um patamar mais baixo que os praticados entre 2008 e 2014 (em média US\$300/t).

Os vários recordes de produção mundial nos últimos 10 anos, 7 no total, têm mantido os preços em patamares mais baixos, e cabe ressaltar que já se especula uma nova safra recorde fechando essa década.

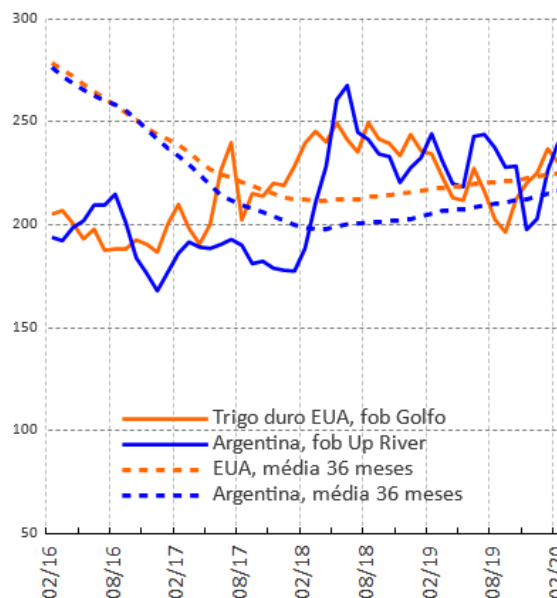


Figura 3 - Preços internacionais de trigo: Argentina e Estados Unidos (Fonte: FAO)

SITUAÇÃO CONESUL

Produção

A produção em 2019 do Conesul recuou 3% em relação a 2018, caindo para 27,8 milhões de toneladas, especialmente em função da produção argentina. Neste país, apesar de área cultivada ter sido a maior desde 2007, alguns problemas de seca reduziram a produtividade e a produção recuou para 19 milhões de toneladas ante 19,5 produzidas no ciclo anterior.

Nos demais países da região as áreas plantadas e as produções não tiveram mudanças que alterassem a dinâmica regional, que mostram a Argentina recuperando participação em detrimento dos demais nas últimas safras. Em 2019 a produção dos argentinos representou 68% do total produzido por Brasil, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e a próprio país. Este percentual está abaixo da hegemonia da década de 60, quando chegou a atingir mais de 80%, porém acima do período de 2012-2016, quando oscilou entre 52% e 57%.

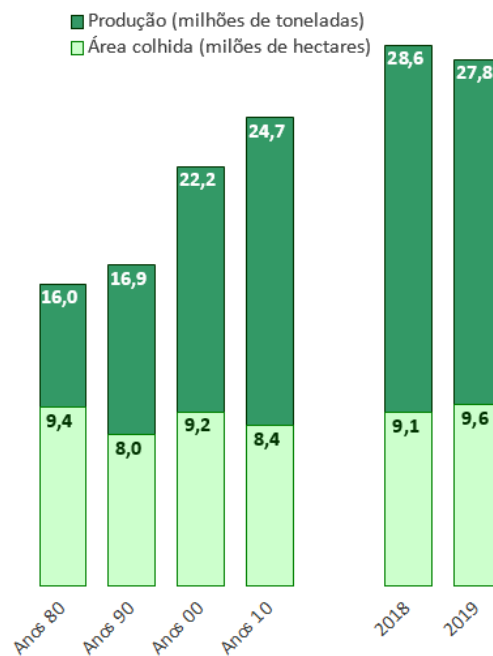


Figura 4 - Trigo no Conesul: área e produção (Fonte USDA)

Consumo e Estoques

A demanda em 2019 é estimada em 22,8 milhões de toneladas, valor marginalmente superior ao de 2018. Apesar do aumento, a demanda continua abaixo da oferta desde 2014, gerando excedentes exportáveis para outras partes do mundo. Em média, nesse período de *superavit*, temos um saldo de 4,2 milhões de toneladas, chegando em 2019 a 5 milhões de toneladas.

O excedente exportável, via de regra, tem sido comercializado, levando os estoques a permanecerem próximos a média histórica de 17% do consumo local. Esse fator é explicado também pelas dificuldades logísticas da região, que produz outras commodities para exportação com margens mais favoráveis a cobrir o custo de armazenamento, destacando-se a soja.

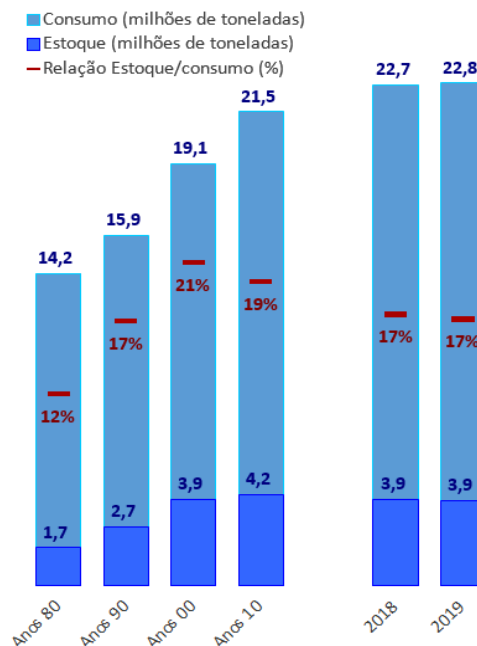


Figura 5 - Conesul: consumo de trigo, estoques e sua relação (Fonte USDA)

SITUAÇÃO NACIONAL

Produção

A produção brasileira em 2019 foi de 5,2 milhões de toneladas, resultado abaixo da média dos últimos 5 anos (5,6 milhões) e do ano anterior (5,4 milhões), de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Também a área ficou abaixo da média desses mesmos 5 anos, porém foi similar à de 2018, estimada em 2,04 milhões de hectares.

A produção atual foi especialmente prejudicada pelas geadas e estiagem que atingiram o Paraná, que teve uma produção de 2,1 milhões de toneladas. As boas produtividades no Rio Grande do Sul garantiram uma safra de 2,2 milhões de toneladas, fazendo os gaúchos ocuparem a liderança de produção de trigo no Brasil em 2019.

Quanto à área de trigo, esta não tem avançado devido às dificuldades recorrentes de escoamento da produção, à concorrência com países vizinhos e aos avanços tecnológicos que propiciam a possibilidade de substituição do trigo pelo milho em uma área cada vez maior.

Mesmo com os problemas no Paraná, a região Sul continua concentrando a produção nacional, atingindo 87% da produção enquanto a média histórica da participação da Região é de 91%.

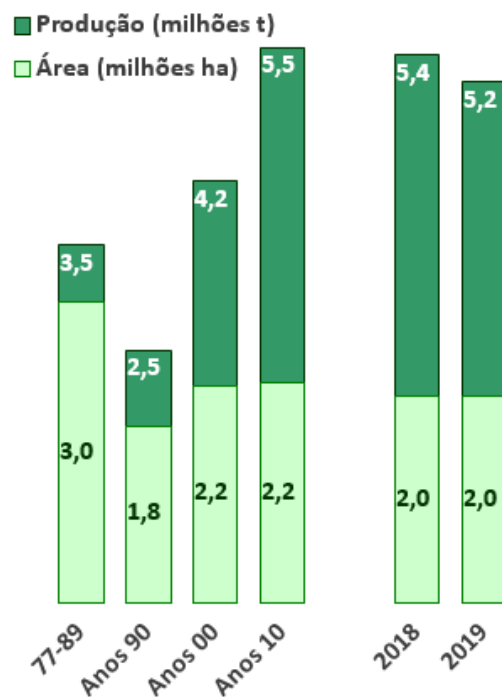


Figura 6 - Trigo no Brasil: área e produção (Fonte: CONAB)

Consumo e Estoques

A CONAB tem expectativa que o consumo diminua 5% em 2019, para 11,8 milhões. Esta retração parece plausível dado o crescimento apresentado no consumo em 2018, que chegou ao recorde de 12,5 milhões de toneladas. Este surpreendente recorde recente não pode ser explicado nem pelo crescimento populacional, muito menos pelo crescimento econômico. Uma das possíveis causas é a estratégia da indústria em adiantar ou postergar suas compras internacionais, o que acabava levando a uma oscilação considerável do consumo no comparativo anual.

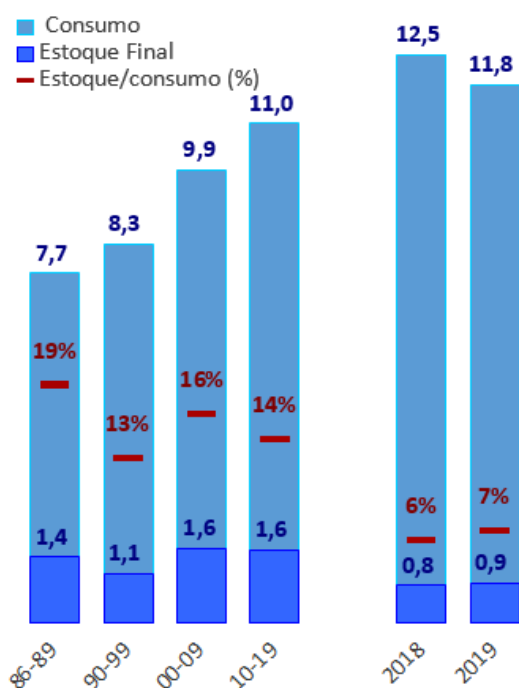


Figura 7 - Trigo Nacional: consumo, estoques e sua relação (Fonte: Ctrin, Conab)

Analisando o consumo desde a abertura do mercado, tivemos um crescimento médio anual de 3,2% entre 1990 e 2000. Depois, observa-se uma desaceleração no crescimento médio anual do consumo, abaixo de 1% entre 2000 e 2010. Na última década há uma certa instabilidade, porém, o crescimento do consumo voltou a acelerar e, se confirmado o montante de 2019, deve superar 2% de crescimento médio.

A participação da produção nacional no consumo interno de 2019 foi de 41%, um pouco acima da participação média posterior a privatização das compras de trigo, que é de 36%.

Os estoques nacionais continuam com características de estoques de passagem, e sequer suportam um mês de consumo nacional no nível atual.

Políticas Públicas

Desde abril de 2018 os preços de trigo mantiveram-se acima dos preços mínimos estabelecidos pelo governo federal, evitando subvenções ao escoamento da produção. Neste ano os preços mínimos foram reajustados em 7%, ficando atualmente em R\$43,39 a saca de 60 kg do trigo tipo 1, pão, para o Sul, que é a principal referência.

Continua a política de subvenção do seguro rural, com crescimento da área subvencionada chegando a 499 mil hectares em 2019 contra 375 mil hectares anteriormente. A maior área subvencionada foi registrada em 2014, 1,27 milhão de hectares. A subvenção é de até 40% do prêmio atualmente, sendo que vem sendo limitada visando alcançar mais produtores. O percentual pago pelo governo federal era de 70% em 2014 e foi decrescendo nos planos safra seguintes. Especificamente no Paraná, o governo estadual complementa com outros 30% do prêmio atualmente.

Exportações e Importações

Desde quando exportamos um volume mais relevante de trigo, em 2003, o volume médio exportado é de 880 mil toneladas. Em 2019 as exportações devem ficar abaixo dessa média, como já aconteceu em 2018. Estima-se uma exportação próxima a 300 mil toneladas até julho deste ano, quando fecha o ano safra do trigo. No ano safra anterior exportamos 582 mil toneladas, sendo os principais mercados de destino as Filipinas, o Vietnã e a Indonésia.

Os dados de importação podem ser afetados pela alta recente do dólar. As estimativas atuais dão conta de um incremento nas importações, porém os moinhos devem fazer aquisições apenas para cobrir suas necessidades imediatas, visto o aumento do custo do produto importado. Sendo assim, não seria surpreendente que o aumento fosse mais limitado que o estimado atualmente, ou que sequer houvesse aumento.

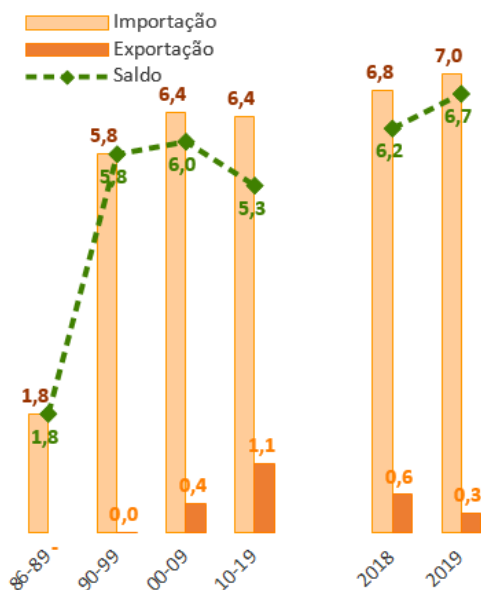


Figura 8 – Balança comercial de trigo no Brasil
(Fonte: CTRIN, CONAB)

Os dados da Secretaria de Comércio Exterior de 2019 (ano civil) mostram que os embarques de origem argentina caíram este ano. O Paraguai, apesar da quebra da safra, aumentou o volume vendido ao Brasil, e conseqüentemente sua participação, bem como o Uruguai. Os Estados Unidos também conseguiram aumentar suas exportações em relação a 2018, mesmo com a oferta do Mercosul apresentando excedentes exportáveis. Tal aumento

pode ter relação com a cota estabelecida para importações extra-MERCOSUL. Apesar da relação comercial bem estabelecida com os Estados Unidos, esta cota pode ser preenchida também pela Rússia, que finalmente embarcou um volume mais substancial para venda ao Brasil, ultrapassando 90 mil toneladas.

As farinhas também tiveram maior entrada neste ano, mas continuam abaixo dos patamares de 600 mil toneladas, mantidos entre 2007 e 2012.

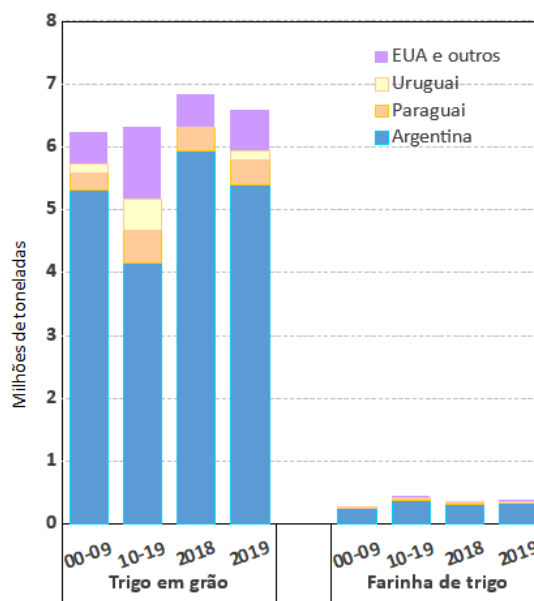


Figura 9 - Origem das importações brasileiras de trigo (Fonte: SECEX)

SITUAÇÃO ESTADUAL

Produção

Depois do recorde de produtividade obtido em 2016 (3.140kg/ha), sucessivos problemas climáticos reduziram significativamente as produções no estado. Em 2019 a produtividade foi pouco superior a 2.000 kg/ha em uma área de 1,03 milhão de hectares, resultando em uma produção de 2,14 milhões de toneladas.

Apesar de generalizadas, as perdas foram especialmente relevantes na metade oeste do Estado, onde, além das secas, as geadas tiveram uma abrangência bastante prejudicial.

Importações e Exportações

As exportações paranaenses no ciclo anterior referentes a safra colhida em 2018 somaram apenas 9 mil toneladas e devem continuar em patamares irrelevantes neste ano devido a menor oferta interna.

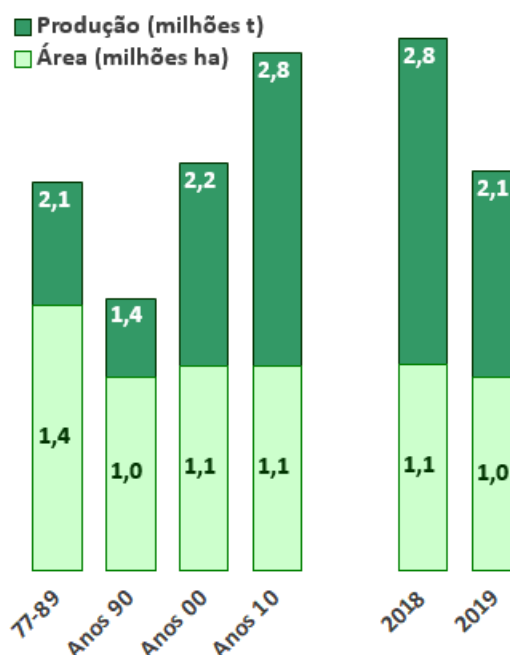


Figura 10 - Trigo no Paraná: área e produção

Também a menor oferta interna explica o crescimento das importações no estado, que totalizaram 681 mil toneladas em 2019, contra 478 mil no ano anterior. O incremento se deu especialmente em virtude da elevação do volume de origem argentina. As importações de trigo paraguaio cresceram menos, porém continua importante a participação paranaense nesta relação comercial. Das pouco mais de 400 mil toneladas exportadas pelo Paraguai, o Paraná adquiriu 262 mil toneladas.

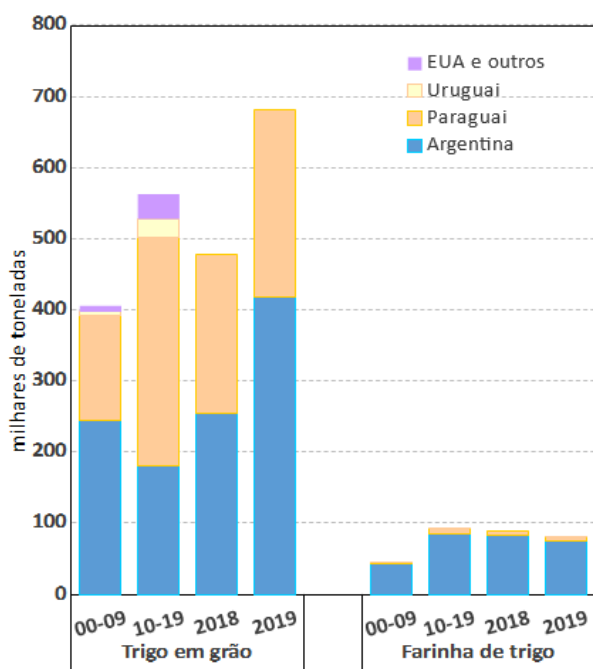


Figura 11 - Origens das importações paranaenses

Quanto a importação de farinhas, também são Argentina e Paraguai que apresentam comércio significativo com o Paraná, com ampla vantagem para a Argentina que correspondeu a mais de 90% das 81,1 mil toneladas importadas. Ao contrário do trigo em grão, o volume de farinhas importadas diminuiu entre 2019 e 2018, mas continua próximo ao patamar médio.

Preços e Custos

No último quadrimestre de 2019 o preço médio recebido pelo produtor pela saca de trigo ficou em torno de R\$46,00, valor apenas 2% acima do custo variável estimado para produzir esta saca (R\$44,89 em fevereiro de 2019). Dada essa pequena margem, pode-se afirmar que uma expressiva maioria de produtores teve prejuízo, pois mesmo a região menos afetada pelas intempéries teve sua

produtividade reduzida e mais de 10% em relação ao potencial, consumindo a possível lucratividade.

Os preços iniciam 2020 em alta: neste mês de fevereiro o preço médio da saca de 60 kg foi de R\$50,64. Apenas em uma das semanas setembro de 2013 os valores nominais da pesquisa haviam superado o patamar dos 50 Reais. Este preço mostra uma rentabilidade de 11% em relação aos custos variáveis (R\$45,58 em fevereiro de 2020), sendo que este mesmo comparativo em fevereiro de 2019 apontava uma rentabilidade de 8%.

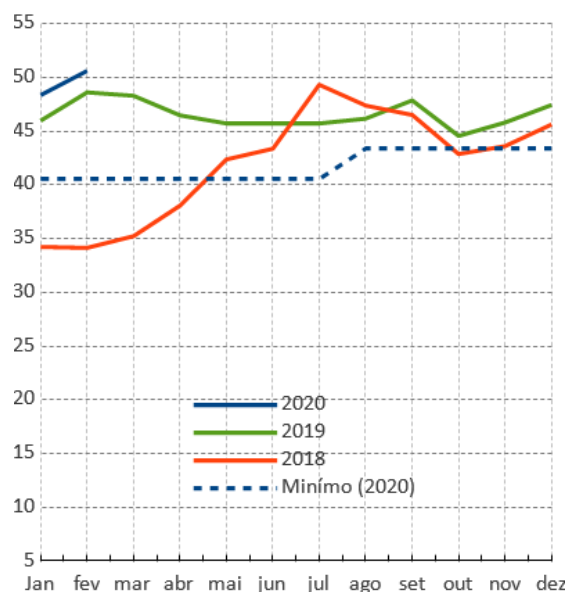


Figura 12 - Evolução dos preços da saca (60kg) de trigo no Paraná

A relação de preços trigo-milho está atualmente em 1,3 contra 1,6 em fevereiro de 2019. Em geral, a relação só fica favorável ao plantio de trigo acima de 1,9, ou seja, neste ano apenas quando o período de plantio for muito desfavorável a produtividade do milho o produtor optará por trigo. Um dos elementos que pode favorecer a opção pelo trigo é o atraso da colheita da soja, especialmente no Oeste, bem como a boa rentabilidade da soja, capitalizando o produtor e conseqüentemente gerando um excedente para arriscar.

A área paranaense de trigo tem se mantido em torno de 900 mil hectares e 1,3 milhão de hectares nos últimos 20 anos, com poucas exceções. Esse patamar de plantio parece ter poucas chances de ser revertido em função da melhor tecnologia empregada ano a ano, que faz a oferta interna ter uma direção bem mais clara, de incremento.